



REVISTA TERCEIRO INCLUÍDO

ISSN 2237-079X

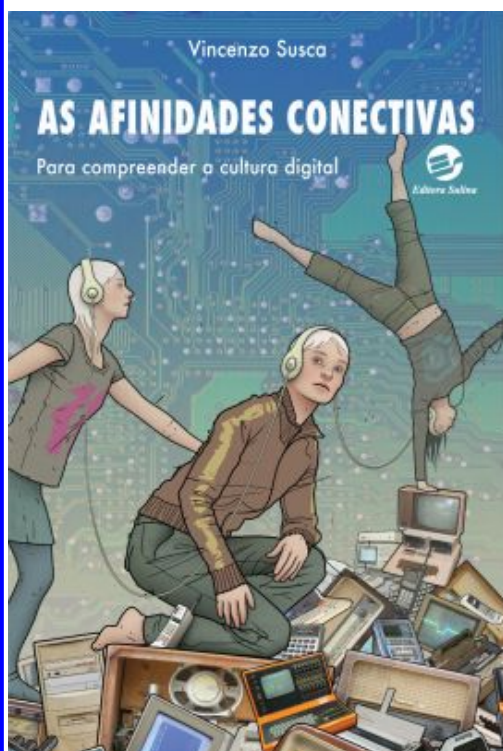
Transdisciplinaridade e Temas Contemporâneos

V. 10 - 2020

BARROS, Eduardo Portanova; FONSECA, Antônio César Santos
As Afinidades Conectivas – Para Compreender A Cultura Digital
pp. 05-09
RESENHA

RESENHA

AS AFINIDADES CONECTIVAS – PARA COMPREENDER A CULTURA DIGITAL



SUSCA, Vincenzo. Porto Alegre: Sulina, 2019, p. 238.

Apoio: Universidade Paul-Valéry Montpellier 3 e do Laboratório IRSA-CRI do Departamento de Sociologia. Trad. Simone Ceré.

*Prof. Dr. Eduardo Portanova Barros¹
Prof. MS Antônio César Santos Fonseca²*

Autor de outros livros já traduzidos para o português, entre eles “Nos limites do imaginário” (2006), também pela Sulina, Vincenzo Susca, que é professor de Sociologia na universidade francesa de Montpellier, apresenta, agora, um panorama da cultura digital sob um enfoque – aparentemente – opaco. E essa opacidade não tem nada de positiva. Mas a opacidade - uma qualidade negativa de qualquer método de análise - é só uma aparência. Por que, neste caso, é dito “aparentemente”? Porque este enfoque de Susca é mais do que aparenta ser. Aparenta opacidade. Mas não. Isso pelo fato de que o autor opta por um tema, como esse da mídia digital ou cultura, até melhor, diga-se de passagem, que, por ser tão presente e tão usual, parece desgastado antes do tempo. Valemo-nos tanto da internet, e de tudo o que advém daí, que temos a impressão de conhecê-la tão bem quanto nosso próprio umbigo. Mas não é bem assim, e esse, parece-nos, é o principal mérito desta obra.

A opacidade se dá, em muitos casos, e sem a percebermos, como vemos em várias ações do ponto de vista do ensino-aprendizagem, decorrente de uma maneira diretiva³ de análise. Diretiva porque não estimula a construção, o improviso, a dúvida, o difuso e a imaginação. Não nos estenderemos sobre métodos. O que nos interessa em avaliar no livro é o foco dele direcionado para aquilo que Edgar Morin, em seus estudos sobre a complexidade, entende por palavra-problema, e não palavra-solução. Palavra-solução é a palavra fácil, traduzida, simplificada, para usar os termos do próprio Morin. Mas o “compreender” do subtítulo é complexo, e complexo no sentido de Morin, o de palavra-problema. E é, precisamente, isso que devemos ressaltar neste livro. A complexidade de um assunto, por si só complexo, complexidade multifacetada (o que já é uma redundância nos próprios termos, pois qual complexidade não o é?) dos meios digitais que se apresentam – do jeito que são - a

¹ Professor-pesquisador PNPd/CAPES do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE-PR. ORCID: 000-001-5832-5711

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS-RS

³ Refiro-me, aqui, antes à questão da “não-diretividade” no ensino, proposta pedagógica do professor e psicólogo norte-americano Carl R. Rogers, segundo o qual não poderia haver por parte do professor a pretensão de dirigir os alunos, mas, no máximo, facilitar-lhes a aprendizagem. Mais detalhes podem ser consultados na dissertação de mestrado, ainda inédita, da professora Glacira Amaral Barros, apresentada ao PPG em Educação da PUCRS, em 1975, sob a orientação da professora Lady Lina Traldi, e que se intitula “A não-diretividade no ensino”, a respeito do modelo rogeriano.

nós hoje, no tempo presente.

Esse presenteísmo dos meios digitais, presenteísmo que Susca busca na obra de seu mestre, Michel Maffesoli, é a chave para “Compreender a cultura digital”, como aponta o subtítulo deste livro. Logo no primeiro capítulo, Susca utiliza o termo “Tecnomagia” para se referir à vida, amplamente falando, eletrônica. “Tecnomagia”, para Susca, é “neototêmica” (p. 22). Totem por remeter a um espírito tribal de primordialidade ou ancestralidade. Logo, a cultura digital, segundo o autor, não se trata apenas de um aparato técnico desvinculado da natureza humana, e aqui é o achado de Susca, mas, como ele próprio argumenta, de um “nomadismo iniciático” (SUSCA, 2019, p. 28). As fontes de Susca são, novamente, Morin e Maffesoli. Morin porque, em “O cinema ou o homem imaginário”, obra publicada, originalmente, na França em 1956, quando nem se falava em imaginário, ainda, pelo menos não do ponto de vista acadêmico, ele afirma que fotogenia (de onde deriva o termo “tecnomagia”, de Susca) é a imagem mental de uma imagem material, ou seja, a qualidade de duplo. O duplo da imagem, em suma.

E não é isso que se vê tanto na imagem fotográfica quanto cinematográfica (hoje mais compreendida como imagem audiovisual do que cinema, mesmo quando se fala de um filme) ou digital? O que Morin quer dizer é a re-afirmação do meio natural do homem por meio da técnica e a transformação dessa imagem técnica em espetáculo. Ora, a *cultura* digital, portanto, é hoje o espetáculo destas gerações de jovens que nascem em meio a ela e com qual tem a mesmo domínio que as gerações antigas tinham, por exemplo, da máquina de escrever. Quando Morin, apenas para finalizar este aspecto levantado há pouco, refere-se à fotogenia, também salienta três de suas características principais (características essas que, no nosso entender, ajudam a compreender a *cultura* digital): 1) aspecto poético, 2) potencial emocionante e 3) qualidade moral. Esses três fatores, uma vez estimulados por professores por meio de novas tecnologias como o *smartphone*, por exemplo, vão “ao” encontro do que Susca denominou refundação de vínculos com “[...] mitos mobilizadores” (p. 80).

O *smartphone*, querendo-se ou não, é um desses mitos que mobilizam, hoje, milhares de habitantes em todo o planeta. Em meio a esse momento que vivemos agora, o da pandemia do coronavírus, aulas são ministradas por meio da Internet, em contato virtual, antes só imaginável no campo da ficção científica. Outro exemplo: em salas de aula, professores, inclusive das redes estaduais de ensino, que, em muitos estados, é bastante precária, são incentivados por professores a usar *smartphones* em consultas temáticas. Nesse exemplo concreto a que nos referimos, em Alvorada, município gaúcho próximo a Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, foi opção didática. Através do *smartphone*, pesquisou-se, rapidamente, a Revolução Francesa. Logo depois, essa pesquisa alavancara o interesse por um documentário sobre aquele mesmo episódio histórico. O importante a ressaltar aqui é que se conjugou o gosto, hoje geral, pelo *smartphone*, logo depois descartado, para despertar interesse na aula. É assunto longo.

É disso que se trata aqui e que o livro de Susca evidencia, mas de *forma* complexa, como dizíamos, porque *forma* – e de toda *forma* resultam os termos “formação”, “formadora”, “formante”, “formatação” –, *forma* essa, como dizíamos, de teor complexo, *forma*-problema, parafraseando Morin, e não *forma*-reduzora ou *forma*-solução. Talvez pudéssemos, dentro desse espírito do complexo neste

livro, qualificá-lo de otimista, pois não faz nenhuma crítica aos meios digitais, e o sabemos que são muitas e, em grande parte, justas. Porém, não vamos tratar disso aqui, por não ser nosso foco, e nem o é do próprio Susca. Aliás, foi justamente o fato de não tratar de criticá-los que destacamos como um dos méritos deste livro. E como percebê-lo? Melhor dizendo: o que (nos) evidencia o potencial complexo e não judicativo da obra? São duas palavras: “afinidades” e “compreender”. “Afinidades conectivas” é uma paráfrase do título de um romance de Goethe, “As afinidades eletivas”, no qual o poeta alemão fala sobre o amor. E amor é sacralidade, sentimento, partilha e, portanto, afinidade.

Hoje, e o percebemos pela relação amorosa dos usuários, principalmente das novas gerações, como crianças e adolescentes que cresceram com um celular ou smartphone na mão, e que, para Teixeira Coelho, é o nosso segundo cérebro, a *cultura* digital é o equivalente ao que a televisão o fora entre os anos 50 e 70. É uma relação, também, com o sagrado, aquilo de que nos é caro. Quanto ao termo “compreender”, trata-se de uma ideia derivada da sociologia weberiana que Maffesoli (2007) resgata e recupera no pós-moderno. Isso porque a postura dita compreensiva não julga. Se o faz o não, se o consegue se colocar acima do bem e do mal ou não, é outra questão. Pelo menos, assim o pretende. Só um adendo: um exemplo desse método compreensivo, na nossa avaliação, é a tese do “ideal tipo”, em Weber. Ora, para a análise de um grupo social, o autor alemão se utiliza de uma utopia, a do “ideal tipo”, que não tem similar no real. Tira-a da experiência do real, sim, mas como abstração. Por isso utopia: o não-lugar.

Nem sempre a construção do indivíduo nesse cotidiano plural é autônoma, porque se estrutura (e uma estrutura é sempre, de início, utópica) de forma a se vincular a uma sensibilidade e a um gosto. É isso o que Susca quer dizer com “afinidades eletivas”. Várias sensibilidades e vários gostos, melhor dizendo. Sendo assim, é possível que se modifiquem, diferentemente das balizas culturais do chamado Projeto da Modernidade (Ordem, Razão e Progresso), que procurava a transparência, mas que, diante do contraditório e das incertezas, mostrava-se, para dizer o mínimo, frágil. Em contraposição à ideia de fortaleza da Verdade e do Espírito, ajustamo-nos por aquelas afinidades eletivas, e esse é um traço, claramente, pós-moderno, segundo Teixeira Coelho (1995). Para Susca, a comunicação em rede “atualiza” e “favorece” um imaginário conectivo (2019, p. 214). Em outra linha de raciocínio, mas que dialoga com Susca, Teixeira Coelho fala de um “sujeito computacional” (2019).

Logo, o ecletismo cultural intensificado pelas redes sociais não se daria, portanto, *não* como novidade, este de paradigma ainda moderno, pelo fato de ainda significar uma superação, mas sim como “ethos” cultural e estético pós-moderno? É nisso que Susca se debruça, sem procurar uma resposta formal e definitiva. E é esse seu princípio dialético maior: o que há de vivo na cultura. Ou o aporte em uma cultura viva, a de uma *cultura* digital. O que nela vive, em outros termos? Será, referimo-nos à cultura viva, nessa mesma dialética entre as coerções (naturais) do meio e nossa subjetividade – o que, para Kant era o “imperativo hipotético” – que se daria a relação própria de um “trajeto antropológico” (termo de Gilbert Durand, 1997). Esse “trajeto” talvez seja, também, uma trajetória, porque o sujeito que vive o tempo no presente, em ato, é, de um lado, o fenomênico, o que está aí para se ver ou o que se dá a ver, e, de outro, o mesmo homínideo-máquina autor de sua própria história.

REFERÊNCIAS

- BARROS, G. A. **A não-diretividade no ensino**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Porto Alegre. p. 120. 1975.
- COELHO, T. **Com o cérebro na mão: No século que gosta de si mesmo**. São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2015.
- COELHO, T. **eCultura, a utopia final: Inteligência artificial e humanidades**. São Paulo: Iluminuras : Itaú Cultural, 2019.
- COELHO, T. **Modernopósmoderno: Modos & Versões**. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KANT, I. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Ícone, 2005.
- MAFFESOLI, M. **O conhecimento comum**. Introdução à Sociologia Compreensiva. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MORIN, E. **O homem ou o cinema imaginário**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- SUSCA, V. **Nos limites do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- SUSCA, V. **As afinidades conectivas: Para compreender a cultura digital**. Porto Alegre: Sulina, 2019.